



## Televisão e dialogias sociais: as comunidades periféricas no Jornal da Record<sup>1</sup>

Raíssa Lima ONOFRE<sup>2</sup>

Virgínia Montenegro SÁ BARRETO<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### RESUMO

Antes vista como marginal, as culturas periféricas vêm cada vez mais ganhando visibilidade, sem que para isso seja necessário passar pelo centro. Com isso, as mídias televisivas comerciais inserem com intensidade as comunidades periféricas em suas programações, configurando-as em distintos e contraditórios discursos. Pensando nesses aspectos, o presente artigo busca compreender as estratégias discursivas com as quais a TV Record constroi propostas de pactos simbólicos, configura e produz sentidos de comunidades periféricas no Jornal da Record. Essas reflexões se inserem na pesquisa em andamento, dentro do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC/PIVIC/UFPB/CNPq), intitulada “Culturas televisivas e dialogias sociais: configurações, pactos e sentidos de comunidades periféricas na TV”.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunidades periféricas; pactos simbólicos; telejornalismo; televisão.

Com o aparato de CDs e DVDs, a cultura das comunidades periféricas foram paulatinamente conquistando público consumidor de seus produtos. Não podendo olvidar da importância destas no cenário sociocultural, a TV aberta brasileira abriu espaço para os novos sujeitos dos discursos midiáticos.

Bentes (2007) alerta para o fato de as emissoras de TV apresentarem um discurso esquizofrênico: ora o jovem é criminoso nos programas jornalísticos, ora esse mesmo jovem é visto como o *favelado legal* na dramaturgia.

Não obstante, observamos diversos discursos de periferia no Jornal da Record. Neste sentido, nos voltamos para a pesquisa, ora em andamento, “Televisão e dialogias sociais: as comunidades periféricas no Jornal da Record”, analisando as estratégias

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual (IJ 4), do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup>Graduanda em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba e em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba. Faz parte do Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica (PIVIC) da UFPB, email: raissaonofre@hotmail.com.

<sup>3</sup>Doutora em Ciências da Comunicação, com concentração em processos midiáticos, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), email: virginiasabarreto@yahoo.com.br.



discursivas com as quais a Rede Record constroi propostas de pactos simbólicos, configura e produz sentidos de comunidades periféricas nesse telejornal.

Com esse intento, fizemos observações sistemáticas do Jornal da Record, mapeamos e transcrevemos o programa, tomando como corpus o mês de outubro de 2009. Vale salientar que ainda observamos textos na Internet, blogs e sites acadêmicos, bem como portais das próprias emissoras de TV sobre esse telejornal, de modo que focamos mais especificamente o R7, principal portal da Rede Record, assim seguindo o pensamento de Jost (2004, p. 18): “Quando se estuda um programa de televisão, não se deve ficar restrito apenas à consideração do próprio programa, mas tem-se de estudar o que se fala a seu respeito, como se fala dele e o que se diz dele”.

Nesse sentido, procuramos nos familiarizar com o empírico da pesquisa, assim objetivando estabelecer algumas inferências sobre este e, principalmente, construir nossa fundamentação teórica de forma dialógica com o fenômeno em questão. Ademais, destacamos como complemento dessa observação nosso trabalho, em andamento, de conclusão de curso “Telejornalismo e vinculação social: estratégias de comunicabilidade nas séries de reportagens especiais do Jornal da Record”, sob a orientação de Sá Barreto.

Esse estudo surgiu durante a observação das edições para a pesquisa do PIVIC, quando percebemos que o Jornal da Record se permite ir além da notícia factual, assim também priorizando matérias de maior tempo e poder explicativo. Sabendo, então, que o JR semanalmente veicula séries de reportagens especiais sobre determinada área temática, nos voltamos para compreender como são construídas as estratégias de comunicabilidade dessas séries especiais do JR para o estabelecimento da vinculação social com os telespectadores.

Nesse sentido, na medida em que para entender a presença da periferia nesse telejornal faz-se necessário entender o telejornal como todo, estaremos aprofundando a compreensão de nosso objeto nesta pesquisa. Portanto, as duas pesquisas, apesar de terem problemáticas distintas, convergem um objeto de observação e, em certa medida, unem a temática de comunicação como vinculação social.

Com a construção desse artigo, então, estaremos imersos na problemática das relações entre telejornalismo e comunidades periféricas, procurando compreender como o Jornal da Record se põe em relação com essas comunidades, e como procura estabelecer com elas interações e vínculos sociais.



---

## Comunicação, interações sociais e vinculação social

Primeiramente, tendo-se em vista que nossa pesquisa procura estudar as comunidades periféricas construídas pela mídia televisiva, focaremos no conceito de comunicação. Segundo Sodré (2001, p.1), o núcleo da comunicação é a comunidade e o objeto da comunicação é a vinculação social, devendo, ainda, diferenciar esta da relação estabelecida pela mídia.

Enquanto isso, a mídia trata esse vínculo como relação. Mas são coisas diferentes. O vínculo atravessa os limites, atravessa o corpo, os sonhos, o psiquismo do sujeito. Enquanto que a relação é o vivido, mais ou menos pronto e acabado, como ele se junta juridicamente, socialmente, a partir de convenções, de regras. A mídia trabalha a relação. Enquanto que a comunicação é maior que a mídia.

Para Sá Barreto (2006) comunicação é uma questão ampla que implica em pertencimento, vínculo, envolvimento e pactos simbólicos entre o *eu* e o *outro*. Corroboramos com Sodré (2001) quando o autor enfatiza a necessidade de se estudar comunidade em comunicação. Com esse intento, buscamos em Sá Barreto (2006) o conceito de *comunidades midiáticas*, que, segundo a autora, são as *comunidades simbólicas* concebidas pela mídia nas suas relações dialógicas com as comunidades do seu entorno. Estamos, portanto, procurando entender a criação de vínculos na comunicação televisiva.

Essa tentativa de vinculação com os telespectadores faz, então, com que se busque uma simulação da interação face a face. Por isso a TV usa tanto menções diretas como  *você que está em casa*. O Jornal da Record, principal telejornal da Rede Record, é um exemplo disso. Frases como *é o que você vai ver agora* ou, por meio da internet, *olá, internauta do R7! São esses os destaques do Jornal da Record* fazem parte de seu script. No site da Rede Record, o R7, o Jornal da Record ainda destaca essa busca de aproximação com o telespectador na descrição da Redação:

Com toda força e credibilidade do jornalismo verdade da emissora, o novo Jornal da Record traz a notícia *cada vez mais perto do telespectador*. (Grifo nosso). Nossos repórteres, cinegrafistas, editores e toda a equipe técnica estão empenhados para fazer um telejornal que o público possa confiar.

Pensando nesses aspectos, sabendo que a comunicação a que nos propomos estudar é mediada por meio tecnológico, no caso em questão a TV, podemos observar,



portanto, a diferença dessa interação da face a face. Thompson (1998) refina esses conceitos ao elencar três tipos de interação: *face a face*, *mediada* e *quase-interação mediada*. Ele ainda indica que elas são híbridas, ou seja, se misturam entre si.

Novas formas de interação surgiram com o desenvolvimento dos meios de comunicação. Nesse contexto, as interações *face a face*, restritas em alcance geográfico, agora se estendem em outras formas de interação. Assim, indivíduos que não compartilham do mesmo ambiente espaço-tempo também podem interagir.

Diferentemente das interações *face a face*, que acontecem em contexto de co-presença, possibilitando, portanto, o entendimento de expressões denotativas como *aqui* e *agora*, as interações *mediadas* requerem o uso de um meio técnico, como papel e ondas eletromagnéticas, para que o conteúdo simbólico seja transmitido a indivíduos situados em diferentes espaço e tempo.

Desse modo, a multiplicidade de deixas simbólicas, como gestos e sorrisos, inerentes à interação *face a face* são mais restritas na interação *mediada*, assim ampliando a possibilidade de ambiguidade na comunicação, visto a reduzida gama de dispositivos simbólicos, já que não há contexto da co-presença.

A *quase-interação mediada*, a que nos propomos estudar na pesquisa, visto ser o Jornal da Record um programa televisivo, se refere às relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação (livros, jornais, TV). Ela, por sua vez, converge com a *mediada* quanto à difusão da informação simbólica em distinto espaço-tempo. A diferença entre estas é que a *quase-interação mediada* se estende para um indefinido número de receptores potenciais. Por isso, Thompson (1998, p.79-80) a define como monológica, ou seja, prevalece o fluxo único de comunicação.

Como a quase-interação mediada tem caráter monológico e implica a produção de formas simbólicas para um número indefinido de receptores potenciais, será melhor classificada como um tipo de quase-interação. Ela não tem o grau de reciprocidade interpessoal de outras formas de interação, seja mediada ou face a face, mas é não obstante uma forma de interação. Ela cria um certo tipo de situação social na qual os indivíduos se ligam uns aos outros num processo de comunicação e intercâmbio simbólico.

Quanto a esse caráter monológico da comunicação midiática, fazemos uma ressalva, assim concordando com Sá Barreto (2006) na medida em que esse tipo de comunicação permite uma dialogia simbólica, ou seja, no próprio texto. Neste sentido é que pesquisamos *propostas de pactos simbólicos* no texto imagético, sonoro e verbal do telejornal da Record. Por *proposta de pactos simbólicos* entende-se “as estratégias



enunciativas de captura do receptor, um componente de vínculo entre a oferta e a demanda presente em qualquer discurso midiático”. (Id., Ibidem. p.48).

Pensando nesses aspectos, temos que o telespectador televisivo pode escolher se quer ou não assistir a determinado programa, como ocorre, por exemplo, no telejornalismo. Antes de ser iniciado, há uma chamada como uma espécie de resumo das principais notícias a serem veiculadas. Na medida em que o telespectador ver as chamadas e continua assistindo ao telejornal, ele está ciente da pauta, assim podendo, nesse sentido, escolher o que quer ver na TV.

Jost (2004, p.16), por sua vez, destaca a problemática da classificação dos programas no processo comunicativo: “Como telespectador, posso também enviar cartas aos emissores, posso utilizar o aparelho, posso mudar de canal, entretanto, não nos comunicamos empregando o mesmo sistema semiótico de comunicação”. Daí surge o problema: saber a qual gênero pertence o programa e como a televisão o define, como exemplificou o autor: um programa *Pop Star*, que busca talentos musicais, foi considerado documentário junto ao Centro Nacional de Cinema da França, assim lhe conferindo subvenções. Verificamos, portanto, como a classificação de um gênero repercute financeiramente.

Desse modo, a TV está intrinsecamente relacionada a fins lucrativos, o que nos leva a concordar com Jost (2004) na medida em que ele apresenta a televisão como uma instância midiática cuja finalidade é fornecer informações como um espetáculo, visto que é este que atrai os telespectadores. Nesse sentido, o objetivo da televisão é conseguir o máximo de credibilidade e audiência. Com efeito, pudemos perceber concretamente essas observações na apresentação do Jornal da Record, na medida em que este se apresenta como um telejornal que busca *liderança* e que possui *credibilidade* com o seu *jornalismo verdade*.

Dessa relação emissor-receptor, permeia a ideia do contrato da comunicação televisual. “O que se poderia dizer é que todos os jornais dizem mais ou menos a mesma coisa e que o que difere de um jornal para o outro é a atitude discursiva que ele mantém na relação com o seu leitor”. (JOST, 2004, p. 10).

Nesse sentido, o texto televisivo constroi um contrato de comunicação com o telespectador. Sá Barreto (2006, p.50-51), por sua vez, repensa o sentido do termo contrato de comunicação:

O termo contrato é utilizado no sentido metafórico, contudo, não nos parece que seja o mais adequado, já que a palavra contrato implica



em um *acordo entre duas ou mais pessoas que entre si transferem direito ou se sujeitam a uma obrigação*. Em verdade, não existe esse acordo, a emissão se empenha em prescrever um acordo, um modo de leitura, partindo do princípio que o receptor sabe, mas não chega a ser um acordo e menos uma obrigação na relação simbólica entre produção e recepção, e sim, uma *proposta*, um percurso a ser seguido pelo receptor para ler o discurso [...].

Pensando nesse aspecto apresentado por Sá Barreto, nos propomos a analisar as propostas de pactos simbólicos das comunidades periféricas no JR.

### Os discursos da periferia

Como citamos, a cultura das comunidades periféricas foi paulatinamente conquistando público consumidor de seus produtos. Com isso, as mídias passaram a ter interesse em falar delas. Exemplo disso é Antônia, seriado da TV Globo, objeto de análise da pesquisa na vigência do PIBIC 2008-2009, que procura retratar a realidade de um grupo de *rap* formado por mulheres negras da periferia paulista.

Agora está ocorrendo a *vingança da favela*, termo do cineasta Murilo Salles citado pela inglesa Claire Williams, pesquisadora de favelas brasileiras, na matéria “Favelas fantasia” da revista *Continente Cultural*, edição nº72, de dezembro de 2006. Assim, menciona-se o fato de a favela estar se infiltrando na cultura do centro e, desse modo, fazendo com que jovens de todas as classes venham incorporando a cultura da favela às suas vidas.

Com efeito, com a crescente veiculação de programas sobre *comunidades periféricas*, como, por exemplo, *Cidade dos Homens*<sup>4</sup>, tem-se percebido o interesse em retratar a periferia não só no jornalismo, mas de forma crescente nos programas de entretenimento e na dramaturgia. A inserção dessa temática é fruto de uma *mercadoria quente* na cultura. A publicidade vem, portanto, utilizando esses novos sujeitos do discurso para se espelhar e vender *estilos de vida*.

No plano econômico, então, o consumo dessas informações se transforma em produto mercadológico, fruto do mundo moderno capitalista em que vivemos. Assim, a mídia é, além de objeto, facilitadora do consumo.

Desse modo, não podemos olvidar que, antes de tudo, a TV aberta é sobretudo um veículo comercial, ou seja, além de veicular entretenimento e informação, ela

<sup>4</sup>Exibida pela Rede Globo durante quatro temporadas, *Cidade dos homens* retrata a trama de dois protagonistas, Acerola (Douglas Silva) e Laranjinha (Darlan Cunha), que vivem juntos os conflitos da adolescência, bem como temas enfrentados nas comunidades carentes do Rio de Janeiro, tais como o contraste entre ricos e pobres, tráfico de drogas, violência urbana, dificuldades financeiras e a cultura das favelas.



procura audiência para, por conseguinte, angariar lucratividade a partir dos bens simbólicos. Essa mediação, portanto, muitas vezes sofre limitações de representação, como, por exemplo, a necessidade de se criar um texto que atenda às expectativas do programa, que se encaixe no horário reservado. Como já citamos, a televisão procura, pois, o que Sá Barreto (2006) chama de *propostas de pactos simbólicos*: através de estratégias enunciativas, capturar o receptor com o intuito de criar vinculação entre a oferta e a demanda.

Essas representações simbólicas ambivalentes da periferia são entendidas como um perigoso meio de transformar a pobreza em folclore ou em gênero cultural, tornando, assim, algo natural. Devemos, então, segundo Bentes (2007), ser cautelosos quanto à visão transmitida pela mídia sobre as *comunidades periféricas*. Essa visão do *puxa, é legal ser pobre* se contrapõe aos discursos conservadores do jornalismo, os quais, por meio de estereótipos, passam a ideia de que a violência nasce na favela e que os pobres são a causa da violência urbana e da insegurança. Desse modo, a autora põe em questão a mediação heterogênea da TV, a qual vem veiculando discursos contraditórios sobre as *comunidades periféricas*.

### **As comunidades periféricas no Jornal da Record**

Intrinsecamente relacionado ao processo de divulgação da informação, o jornalismo como mediação cultural dos acontecimentos filtra estes do mundo real e os reconstrói na forma de um discurso informativo, noutras palavras, o acontecimento deixa de ser o fato real para vir a ser o acontecimento simbólico, discursivo. (FAUSTO NETO, 1995). Nesse processo, esses fatos são selecionados, hierarquizados e estruturados seguindo critérios julgados de interesse das emissoras produtoras, dos agentes financiadores e dos consumidores. Todo esse contexto de produção vai resultar em sentidos particulares aos discursos proferidos.

Com efeito, nos interessam, particularmente, compreender como os fatos relacionados às comunidades periféricas são transformados em discursos, como são construídas as estratégias discursivas desses fatos, como são enfim configuradas essas *comunidades periféricas*, as propostas de pactos simbólicos e os sentidos delas produzidos no Jornal da Record.

O JR, principal telejornal da Rede Record, é apresentado pelos jornalistas Celso Freitas e Ana Paula Padrão de segunda a sábado. Esse telejornal é bastante curioso no



sentido de que vem paulatinamente se fortalecendo no cenário brasileiro, buscando constantemente se modificar com o objetivo de conquistar público e, como eles se auto-definem, buscar a liderança, atualmente pertencente ao Jornal Nacional da Rede Globo. Em sua agenda, o que fica nítido é a intensa divulgação da violência, da criminalidade, o que se contrapõe a algumas reportagens exibidas ao longo da semana. São temáticas que formam uma dicotomia entre a *comunidade periférica* violenta e a que mostra superação das situações difíceis, como é o exemplo da série especial “Eu venci o tráfico”, exibida do dia 30 de março a 4 de abril de 2009, em que há o relato de pessoas de comunidades periféricas que conseguiram abandonar o tráfico de drogas.

O discurso *esquizofrênico* dito por Bentes (2007), como já citamos, não se restringe, portanto, à dramaturgia/jornalismo, mas podendo também ocorrer dentro de um único telejornal, como é o caso do Jornal da Record.

A visão de diferentes comunidades periféricas também pode ser encontrada em outras programações da Record, tais como na telenovela “Vidas Opostas”, objeto de estudo da atual vigência PIBIC/PIVIC, em que foi retratado, além do tráfico de drogas e a corrupção policial, o amor dentre dois jovens de diferentes classes sociais, e o quadro “Beleza na Comunidade” do programa “Hoje em Dia”, em que são selecionadas mulheres das *comunidades periféricas* dos 26 estados brasileiros e do Distrito Federal, assim valorizando e divulgando a beleza destas. Logo, pode-se inferir que os discursos de *comunidades periféricas* não são homogêneos na Record. Há uma complexidade discursiva sobre esse fenômeno nessa Rede.

Queremos perceber, entretanto, especialmente esses discursos no Jornal da Record. Esse telejornal tem uma significativa repercussão na sociedade, pautando assuntos e conversas do dia-a-dia.

O poder de dialogar com o telespectador é conferido, sobretudo, com o auxílio das imagens, que acaba servindo de atrativo na divulgação da notícia. Investindo nesta questão, em 2006, o telejornal reformulou os cenários e o projeto gráfico do programa, dando novo suporte ao seu jornalismo, cujas principais características são matérias curtas, produção de reportagens especiais, exclusivas e investigativas.

Em 2009, o JR contratou a jornalista Ana Paula Padrão para atuar como âncora, assim substituindo Adriana Araújo, que se tornou correspondente internacional em Nova York (Estados Unidos). Essa nova contratação foi, segundo a mídia, uma estratégia do telejornal para alcançar a tão esperada liderança, como podemos ver abaixo no *lead* da matéria do site Estadão.



### ***Record quer Ana Paula Padrão contra o 'Jornal Nacional'***

A Record quer Ana Paula Padrão para *combater o Jornal Nacional*. (Grifo nosso). A emissora pretende contratar a jornalista como trunfo diante das novidades que a Globo prepara para o *JN* em setembro, mês em que o noticiário completa 40 anos no ar.

Diante desses aspectos, ao tempo em que concentramos nossas observações nas *comunidades periféricas* do Jornal da Record, também analisamos o telejornal como um todo. Assim, demos importância, por exemplo, ao contato que os atuais âncoras, Ana Paula Padrão e Celso Freitas, mantêm com o público.

Além de âncora, há uma grande preocupação por parte de Ana Paula Padrão em fazer as matérias e se aproximar da população. Comumente ela chega a ser substituída por outra âncora, já que está em ritmo de produção de reportagens. Grande parte de sua participação como repórter externa acontece durante as séries de reportagens especiais que o JR veicula semanalmente.

Desse modo, ela acaba fugindo um pouco do jornalismo tradicional, permitindo, pois, ser a repórter externa ao passo em que divulga matérias, como a série “A vida na rua”, exibida de 19 a 24 de outubro de 2009, em que retrata a realidade da vida de uma população de quinze mil pessoas que “mora” em pontes e viadutos da capital paulista.

Uma das histórias, contada por Ana Paula Padrão, narra a vida de Gabriel Gonçalves. Gegê, como gosta de ser chamado, é um morador de rua da cidade de São Paulo que fez, segundo o telejornal, *do lixo um luxo de residência*. Seu Gegê transformou objetos encontrados no lixo em arte, o que demonstra o outro retrato das *comunidades periféricas*, visto que essa, como destaca Bentes (2007), é apresentada nos programas jornalísticos através da figura do jovem marginalizado e criminoso.

Apesar de retratar a história de “Seu” Gegê, um artista de rua, percebemos como prevalece a ideia da criminalidade e marginalidade, o que pode ser muito difícil sair delas quando se vive, como destaca o JR, em *um país injusto como o Brasil*.

Na segunda reportagem, dia 20 de outubro de 2009, dessa mesma série especial, o telejornal mostrou a história de Tatiane e Adriano, um casal que tem como moradia uma praça da cidade de São Paulo. Adriano é um ex-presidiário que cata papelão. Tatiane é uma jovem grávida que continua usando drogas. Segundo ela, aprendeu com a família: o pai faleceu de acidente vascular cerebral (AVC) em decorrência do intenso uso de drogas.



Desse modo, vimos a diversidade entre esses moradores de rua e com ela a preocupação do Jornal da Record em retratar não apenas histórias de violência, mas também que existem pessoas com sentimentos de amor, como o casal Tatiane e Adriano, e com talentos, como o “Seu” Gegê. Essa visão é destacada por Ana Paula Padrão na segunda reportagem da série “A vida na rua”: “De longe, a gente acha que eles são mesmo todos iguais: viciados, fracassados. De perto, é que a gente vê que é bem diferente e que a única coisa comum entre todas essas histórias é a perda de afeto”.

Assim, concordamos com Bauman *apud* Sá Barreto (2006, p.34) quanto à necessidade da intensa busca por afeto e segurança nas comunidades periféricas.

Para Bauman (2003), autor contemporâneo, na sociedade há essa *carência*, essa *insegurança*. Isto fica evidente no seu livro *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. As palavras teriam significado, no caso de *comunidade* a palavra carrega a idéia de *um lugar cálido, um lugar aconchegante*. A palavra evocaria a necessidade de *segurança*, daquilo que as pessoas sentem falta, do que elas precisam para viver felizes. Existiria na sociedade atual um desejo de haver uma *comunidade imaginada*, no sentido de ser *sonhada*, como algo atraente que remete às sensações do que simboliza a palavra.

Segundo Moreno (2010), doutor em geografia urbana, a combinação da distribuição muito desigual da renda, do acesso à educação e com os negócios, além das decisões políticas e de utilização dos recursos é que faz com que hoje, a cada 100 milhões de habitantes de países em desenvolvimento que moram em cidades, 40% vivam em favelas. É relevante, pois, o número de *comunidades periféricas* na sociedade! É relevante, também, a inserção destas na mídia e, de modo especial, no Jornal da Record.

Mesmo diante dessa desigualdade social apontada nas matérias, o JR mostra que é possível enfrentar a criminalidade, vivendo honestamente. Na edição do dia 23 de outubro de 2009, Celso Freitas anunciou: “O preço da honestidade no Brasil”, assim iniciando a história do gari Carlos Alberto Corgosinho, que só tinha R\$2,00 na conta, mas recebeu R\$5.730. Mais surpreendente não foi ele receber essa grande quantia, mas sim não conseguir devolvê-la facilmente. Só depois de muita insistência, o gari conseguiu devolver o dinheiro ao banco, que alegou não acusar no sistema a entrega a mais de dinheiro.

Não obstante essa visão do morador de rua apontada na matéria acima, bem como a honestidade do gari, as matérias de violência predominam no telejornal como



todo. Exemplo disso é uma reportagem do dia 23 de outubro de 2009, que retrata a omissão de socorro por policiais ao coordenador do grupo AfroReggae, Evandro João da Silva, baleado por assaltantes no Rio de Janeiro. Contudo, no caso, temos que ressaltar o teor de denúncia da matéria quanto à negligência da polícia no trato de problemas de violência contra a periferia e seus representantes.

### **Telejornalismo e periferia**

Da pesquisa extraímos que as *comunidades periféricas* concebidas no Jornal da Record são construídas simbolicamente nas inter-relações entre as culturas televisivas e as culturas das comunidades periféricas.

Para esse entendimento, corroboramos com Geertz *apud* Sá Barreto (2006) quanto ao conceito de cultura como *processo de significação*, em que a cultura se caracteriza como uma *rede de significados* e sua análise como uma procura desses *significados*. Seguimos, ainda, Milton Pinto (1999, p.7) no que se refere aos produtos culturais: “Os produtos culturais são entendidos como *textos*, como formas empíricas do uso da linguagem verbal, oral ou escrita, e/ou de outros sistemas semióticos no interior de práticas sociais contextualizadas históricas e socialmente”.

Assim, aliando o conceito de *processo de significação* de Geertz *apud* Sá Barreto (2006) com a ideia de *textos* de Milton Pinto (1999), nos propomos a analisar as falas dos personagens e as imagens do Jornal da Record a partir de uma perspectiva da *etnografia do texto*. Não uma descrição densa dos textos, mas sim a partir da *interpretação cultural* destes.

Destacamos aqui a necessidade de se compreender a inter-relação entre as culturas televisivas e as culturas das *comunidades periféricas*. Pensando nesses aspectos, identificamos a comunicação do fazer jornalismo proposta pela TV aos telespectadores, bem como o conceito e os múltiplos discursos da periferia na atualidade, tendo como foco principal dessa análise o Jornal da Record.

Entretanto, antes de pensarmos na comunicação do fazer jornalismo proposta pela TV aos telespectadores, destacamos aqui nosso entender de jornalismo. Seja ele escrito ou pela *quase-interação mediada* da TV, seu compromisso é divulgar, por meio de notícias, a realidade. Acontecimentos estes reais, porém que muitas vezes são divulgados como em uma telenovela, ou seja, com acompanhamento dos fatos, sendo



estes, como já citamos, selecionados, hierarquizados e estruturados seguindo critérios julgados de interesse das emissoras produtoras, dos financiadores e dos consumidores.

No que se refere ao telejornalismo, pensemos na inter-relação do fazer jornalismo com a mídia TV. Esta se propõe a abranger milhões de telespectadores. Não obstante esse número, os produtores, ao elaborar o texto televisivo, procura enviar a mensagem para apenas uma pessoa, e é esse o telespectador que o jornalista precisa convencer quando fala ou mostra algum acontecimento que considera importante. “Só se dirigindo a essa pessoa em particular é que o jornalista vai conseguir transmitir com exatidão e clareza o que quer contar aos milhões de telespectadores que assistem ao programa ou ao telejornal”. (MACIEL, 1995, p. 19).

Essa procura de se dirigir a uma única pessoa reflete a capacidade que a TV tem de ser uma mídia, segundo Maciel (1995), *intimista*. Desse modo, considerando as desigualdades socioculturais, ela objetiva conquistar a cumplicidade do telespectador a partir de uma linguagem coloquial, assim proporcionando que a pluralidade de cidadãos brasileiros entenda da maneira mais clara possível a mensagem mediada por esse veículo. Ademais a mensagem direcionada ao telespectador, essa *vinculação social* é buscada com a combinação de imagens, assim despertando a emoção de quem assiste. Como tentativa dessa vinculação, o JR procura utilizar termos como *olá* para se dirigir ao público da Internet, assim tornando a notícia mais coloquial e próxima de um amigo: “olá, internauta do R7! São esses os destaques do Jornal da Record”, inicia Celso Freitas.

Desse modo, a TV é um veículo tão poderoso que nos envolve mesmo quando estamos diante de outras atividades. Comumente nos dividimos em rotinas como passar roupa, arrumar o cabelo, conversar, organizar papéis, não deixando, porém, de ver TV.

Pode ocorrer também de assistirmos o programa e na hora do *break* nos desligarmos da televisão, só retornando a ela com uma convocação sonora característica daquela novela, daquele telejornal. São os recursos de vinheta utilizados pela televisão para dar um ritmo ágil capaz de seduzir e envolver o receptor.

No que se refere à pauta televisiva, ela necessita ser seletiva, visto que diariamente ocorrem inúmeras notícias, assim cabendo aos produtores optarem em transmitir aquilo que consideram de maior relevância para a sociedade, chegando, inclusive, algumas reportagens ser de interesse especificamente do programa, seja por questões financeiras, seja por adequação ao seu gênero, ao seu perfil.



Com esse limite de tempo e espaço, perde-se a profundidade de uma notícia. Esta tem mais detalhes quando publicada em um jornal impresso, o que não acontece, por exemplo, com o telejornalismo.

Por isso é tão importante para o jornalista escolher palavras claras, adequadas e conhecidas quando ele fala na televisão. [...] Estas características do veículo televisão estabelecem alguns padrões que os jornalistas precisam seguir se buscam um melhor entendimento com o telespectador. Esse entendimento é feito através da construção de frases objetivas e diretas que não deixem dúvidas sobre o que realmente o jornalista quis dizer. Uma regra eficiente para atingir esse objetivo é utilizar os mesmos padrões da língua falada: usar palavras simples e construir a frase na ordem natural (sujeito, predicado, complemento). (MACHADO, 2003, p. 23).

Contrapondo essa visão de limite espaço-tempo do telejornalismo, o Jornal da Record utiliza séries de reportagens especiais. Estas são apresentadas em seis edições, de segunda a sábado, tomando como pauta reportagens relacionadas a uma temática específica. Essa é uma das formas que o JR tem de mostrar a multiplicidade de discursos que apresenta sobre as *comunidades periféricas*.

Como exemplo dessa quebra da polarização criminoso no telejornalismo/*favelado legal* na dramaturgia apresentada por Bentes (2007), citamos a série “A vida na rua”, em que retrata a heterogeneidade de moradores de ruas na capital paulista. Não obstante esse olhar sobre as *comunidades periféricas*, ainda predomina no JR a ideia da criminalidade. Comumente se retrata o conflito existente entre traficantes de diferentes morros, cenas de assalto, assassinatos.

Assim, compreendendo como o JR constroi propostas de pactos simbólicos, configura e produz sentidos de comunidades periféricas, temos que o Jornal da Record não se restringe à ideia do discurso conservador do telejornalismo proposto por Bentes (2007), em que a violência nasce na favela e que os pobres são a causa da violência urbana e da insegurança. A ideia da autora do *favelado legal* na dramaturgia também pode ser identificada no JR.

Nesse sentido, elencamos distintos modos de configuração das *comunidades periféricas* no Jornal da Record: *periferia criminosa*, *periferia com medo*, *periferia criativa*, *periferia que supera dificuldades* e *periferia orgulhosa*.

A *periferia criminosa* é a da notícia factual que retrata o pobre violento, ladrão, drogado. No dia 17 de outubro de 2010, na reportagem “Guerra em morro mata 12 no Rio”, o JR retratou o confronto entre criminosos e policiais no morro. Essa situação foi



decorrente após traficantes derrubarem um helicóptero da polícia militar durante guerra entre duas facções no morro dos Macacos, em Vila Isabel, zona norte do Rio de Janeiro. Dessas situações, destacamos o medo que permeia o Morro: “A gente sai para trabalhar e não sabe se volta”, declara um morador. Com isso, temos a *periferia com medo* da violência e do conflito entre traficantes e policiais.

A *periferia criativa* pode ser exemplificada por “Seu” Gegê, morador de rua apresentado na série “A vida na rua”. Na matéria “Casa de morador de rua é cheia de obras de arte”, de 24 de outubro de 2009, foi mostrada toda sua criatividade ao transformar o lixo em objetos de decoração, roupa... um verdadeiro *luxo*, como dito pelo telejornal.

Sabemos que o Brasil é um país com grande desigualdade social, o que já foi ressaltado pelo JR, e aqui citado, como *um país injusto*. Não obstante essa situação, o telejornal mostra a periferia que luta no dia a dia, divulgando superação. Essa é a *periferia que supera dificuldades*. Exemplificamos com a história, divulgada no dia 09 de outubro de 2009, de ex-ambulantes que se tornaram comerciantes de um shopping que funciona de madrugada em São Paulo. Quando o repórter Vinícius Costa pergunta como uma das personagens se define (comerciante, empresária, etc), ela responde: “Pode pôr tudo isso ao mesmo tempo, não esquecendo a palavra vencedora, porque eu me considero uma”.

Nesse sentido, tanto na *periferia criativa*, bem como na *periferia que supera as dificuldades*, temos a ideia de uma comunidade honesta, que lutou e conseguiu enfrentar as desigualdades sociais e, por conseguinte, pela falta de oportunidade de ter mais educação, de viver longe do crime, de ter seu talento desenvolvido. Não obstante essas dificuldades, essas *comunidades periféricas* possuem orgulhoso de morar na periferia. Na reportagem do dia 02 de junho de 2009 da série “Eu larguei o tráfico”, a edição é finalizada com moradores de uma comunidade cantando a música “Eu só quero é ser feliz” do Furacão 2000: *Eu só quero é ser feliz, /Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é./ E poder me orgulhar, /E ter a consciência que o pobre tem seu lugar.*

O Jornal da Record, portanto, quebra estereótipos da configuração, apresentada pelos telejornalismos tradicionais veiculados pela TV aberta brasileira, em que as comunidades periféricas são tidas apenas como criminosas. Nesse sentido, possibilita outros olhares para esses novos sujeitos do discurso.



## Referências

BENTES, I. **O contraditório discurso da TV sobre a periferia**. In: Revista Brasil de Fato, 2007. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/entrevistas/a-periferia-como-convem>>. Acesso em: 20 de março de 2008.

ESTADÃO. **Record quer Ana Paula Padrão contra o 'Jornal Nacional'**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,record-quer-ana-paula-padrao-contra-o-jornal-nacional,363686,0.htm>>. Acesso em: 05 de abril de 2010.

FAUSTO NETO, A. **O impeachment da televisão: como se cassa um presidente**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

JOST, F. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MACIEL, P. **Jornalismo de Televisão**, Porto Alegre: SAGRA/DC/LUZATO, 1995.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. SENAC Editora: 2003.

MILTON PINTO, J. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

MORENO, E. A contribuição das favelas para uma outra política urbana. In: **Racismo Ambiental**. Disponível em: <<http://racismoambiental.net.br/2010/03/a-contribuicao-das-favelas-para-uma-outra-politica-urbana/>>. Acesso em: 02 de abril de 2010.

REVISTA CONTINENTE MULTICULTURAL. Ano VI. nº72. Dezembro/2006.

R7. **A Redação: Novo Jornal da Record**. Disponível em: <http://www.rederecord.com.br/programas/jornaldarecord/redacao.asp>. Acesso em: 11 de dezembro de 2009.

SÁ BARRETO, C.V.M. **Comunidades Midiáticas e Culturais: as inter-relações dialógicas na produção dos telejornais da Globo NETV e Jornal do Almoço**. PGC/COM/UNISINOS. São Leopoldo/RS, 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Leopoldo/RS, 2006. 320p.

SODRÉ, M. Objeto da comunicação é a vinculação social. In: **PCLA – Revista Científica Digital do Pensamento Latino-Americano**. UMESP/UNESCO. Vol.3 – n.1.out/nov/dez.2001.

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**: Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.